

## Hábitos de pensamentos: uma investigação sobre o *self*.

**Camila de Oliveira Rauber**

Doutoranda em Filosofia na UFRJ (PPGLM)

<https://lattes.cnpq.br/7302745671004721>

[camilarauber.filosofia@gmail.com](mailto:camilarauber.filosofia@gmail.com)

93

Existem maneiras de pensar tão habituais que dificilmente estamos conscientes de sua presença em nossa estrutura cognitiva. Na maior parte dos casos, esses hábitos de pensamentos nos mantêm afastados de preocupações ou indagações sobre certos fatos ou questões. Um exemplo desse tipo de pensamento é considerar como óbvio que o sol vai surgir todos os dias. Esse mecanismo pelo qual geralmente chegamos a aprender algo tem a ver com um tipo de inferência — ou raciocínio — que fazemos de modo indutivo. De modo geral, uma inferência indutiva se dá quando, a partir de uma ou mais experiências particulares, chega-se a uma conclusão geral. Assim, se o sol nasceu há bilhões de anos e continua a nascer até hoje, o sol nascerá amanhã. Acostumamo-nos a esse e outros pensamentos que se tornam tão intrínsecos à nossa maneira de pensar e viver que a obviedade de tal evento nos mantém afastados de preocupações do tipo: existe a possibilidade de um dia a Terra não mais se movimentar? E se os movimentos de rotação e translação cessarem? E se o sol explodir?

Evidentemente que a questão aqui não é que todos deveriam estar em pânico pensando sobre um evento de proporções astronômicas. Na verdade, o destaque que precisa ser observado diz respeito a como não nos damos conta de muitos dos nossos pensamentos e operações pelos quais um raciocínio é concebido. Isso ocorre não apenas nos casos de inferências indutivas, mas também nas inferências dedutivas. Em muitos casos, em especial nos rotineiros, não há a necessidade de saber por que pensamos como pensamos. Em contrapartida, há outros modos de pensar que constituem maus hábitos de pensamentos. Um mau hábito de pensamento pode ser caracterizado como um tipo de raciocínio que impede o acesso ao conhecimento ou a uma clara compreensão sobre determinado objeto ou assunto.

O ponto a ser discutido nesta presente comunicação diz respeito a certos hábitos de pensamento cujos raciocínios levam a conclusões incorretas a respeito da natureza do

*self* e do autoconhecimento. Tais formas de pensar se encontram muitas vezes pressupostas antes mesmo que se empreenda uma investigação apropriada sobre estes temas. Como resultado, tem-se uma mistura e um entrelaçamento equivocados entre dois problemas filosóficos distintos: de um lado, os problemas concernentes à natureza do *self* e ao acesso epistêmico a este; de outro, o problema do dualismo, mais propriamente dito o dualismo de substâncias e, por vezes, o dualismo de propriedades.

Portanto, os objetivos serão: i) mostrar quais seriam alguns desses raciocínios; ii) como e por que fazemos essa confusão, muitas vezes inconsciente, entre o *self* e o dualismo; e iii) por que essa forma de pensar constitui um mal hábito de pensamento e um ponto de partida equivocado para a compreensão do *self* e do autoconhecimento.

**Palavras-chave:** Autoconhecimento. Dualismo. *Self*.

## Bibliografia

HUME, David. *Tratado da Natureza Humana*. Tradução de Déborah Danowski. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

ISMAEL, Jenann; POLLOCK, John L. So You Think You Exist? In Defense of Nihilism. *Springer*, Vol. 103, pp. 35-62, 2006.

NIDA-RÜMELIN, Martine. The Conceptual Origin of Subject-Body Dualism. In: COLIVA, Annalisa (Ed.). *The Self and Self-Knowledge*. Oxford: Oxford University Press, 2012. Capítulo 2, p. 39-73.

ROBINSON, Howard. Dualism. In: ZALTA, E. N. *The Stanford Encyclopedia of Philosophy* (Spring 2023 Edition). Stanford: Metaphysics Research Lab, Stanford University, 2023. Disponível em: <<https://plato.stanford.edu/archives/spr2023/entries/dualism/>>.